

## Corpo/Corpus de Exu em Jorge Amado

Alexandre Fernandes  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Utilizando-me do texto “O compadre de Ogum” de Jorge Amado, presente na segunda parte do romance “Os pastores da noite”, publicado em 1964, pretendo “assinalar” possibilidades de Exu – ao invés de lhe cristalizar uma identidade unívoca, qual seja, o diabo, o infernal –, e “provocar”, “evocar”, “nomear”, “convocar” outras aberturas, na abertura de uma questão inaudita, de uma aporia: que não abre nem para um saber, nem para um não-saber como saber por vir. Partindo do hibridismo cultural e histórico do mundo pós-colonial, sob o viés de que qualquer discurso sobre Exu não contém “a” verdade, não me aterei apenas a descrever o efeito de uma construção dialética, ficando preso a nomear preconceitos, estereótipos, mas, pretendo uma análise acerca da estrutura do discurso aporético amadiano (diria eu, discurso exuriano): nem catolicismo nem culto aos Orixás, nem marxista nem religioso, nem o malandro Vadinho (filho de Exu) nem Teodoro (filho de Ogum), mas a miscigenação, o sincretismo, a ambigüidade, a mistura, a borradura, a agonia do indecível, ou seja, busco problematizar de que lugar discursivo questões de identidade sobre Exu são promovidas e institucionalizadas e de que modo são capazes de criar “processos de subjetivação” determinando certo *locus* demoníaco para Exu. Ao me reportar ao Corpo/Corpus de Exu em Jorge Amado, interessa-me, sem dúvida, a máquina de (in)formação – retórica, comunicação, opinião pública, mídia, imagem – que acena para a “existência” de Exu, para certa “impressão” de Exu, que teima em congelar a imagem e manter-se dominante. Conflitar essa máquina de (in)formação com o texto amadiano pode ser produtivo porque descortina a história mesmo de Exu, que não é única, não está completa, nunca se deu, mas aqui “já” está e ainda se faz por vir em *modo beta* e suplemento.

Linha: Discursos subalternos

Palavras-chave: Exu, Jorge Amado, Corpo

\* \* \*

### 1. Despachar Exu na *différance*

Diz-se que Exu é figura trapaceira, deus do movimento, irrequieto e arrelento, malicioso, altamente erótico, comunicador por excelência, marca a diferença na união dos contrários. Nos terreiros que cultuam Orixás, é o primeiro a ser reverenciado para que não haja problemas, para que as divindades sejam comunicadas das atividades desenvolvidas, enfim, para que os caminhos estejam abertos e o axé, força espiritual, seja fortalecido e renovado.

Em Jorge Amado (1964), no “Intervalo para o batizado de Felício, filho de Massu e Benedita ou O compadre de Ogum”, somos levados às ladeiras, becos e ruas de orvalho e sombra da Cidade de São Salvador da Bahia de Todos os Santos, onde vagabundeia Exu, menino brincalhão e sem jeito, à espera de reverências. Ao não receber suas oferendas, Exu se volta contra a pessoa legando-lhe desordens e desassossegos.

Laroyê, pois. Exu eu te saúdo e solicito (do latim, *-are*, agitar, mexer, provocar) ao Exu que mora em mim – meu *self*, permissão para oferecer ao VIII Congresso de Professores de Literatura do Uruguai, “Literaturas infernais”, esse texto-comunicação, cuja atuação se pretende intercultural, intersemiótica e transdisciplinar.

Em forma de despacho, este texto-ebó de minhas palavras, fala/escrita/tecido/órgãos/corpo, linguagem material, “um corpo sutil, mas um corpo” no dizer de Jacques Lacan (1998, p. 201), – que saem do meu corpo, parte do meu corpo e do Corpo/*Corpus* de Exu, seu espalhamento e disseminação –, é um movimento de pensamento amplo sobre o Corpo/*Corpus* de Exu, que não se interessa em simplificar fenômenos extremamente complexos, mas, voltar o olhar para todo um regime perverso e severo de exercício e manutenção de poder, violência, morte e sangue, criminalização, marginalização de “corpos” sincretizados como Exu, quais sejam, o corpo que bebe, que dança demais, que fuma, que se droga, que ri despudoradamente, o corpo negro e pobre, o corpo vadio e vagabundo, o corpo travesti, o corpo lascivo, erótico e apaixonado, o corpo enérgico, o corpo que grita.

E por que isso? Porque nem o pensamento, nem o jogo de significantes é capaz de apreender integralmente o sujeito. O pensamento é atravessado pela descontinuidade da linguagem, pela descontinuidade do real. Há, a todo instante, descontinuidade e intercorrências. Como capturar Exu se fosse esse o interesse? Apenas sob estado de loucura. Sua não “captura”, por outro lado, não é o *laissez faire* em que tudo é tudo e tudo é relativo, mas a aporia, a resposta vacilante, o decidível-indecidível, o limite, a borradura do estado de loucura que se sabe louco e vacilante.

Apropriando-me da “desconstrução” (DERRIDA, 1998), que não é método nem teoria, mas age acolhendo, revertendo e deslocando os editos metafísicos, busco interrogar um Exu fixo, porque este só seria possível isolando-o do seu condicionamento social, cultural, histórico, impondo-lhe singularidades deslocadas de interesses e jogos que o produz. Este exercício não exige respostas rápidas e bem resolvidas, mas pretende provocar instabilidades em toda situação que se quer estável, cristalizada.

Liberar a leitura de horizontes infindos de Exu é deliciosamente perigoso porque revela

processos de tradução e a Babel em que se aportam os sentidos. É com o perigo de Exu que se pretende lidar aqui. Quantos Exus eternos e indecidíveis caberão em um mesmo “ponto”? E que “ponto” é este “donde” saltam Exus? É o rastro, a borda, a referência. Só há “referências” a serem lidas, só há rastro, esse “lugar” que nada tem de objetivo, que não se reporta à geografia. Ao fim e ao cabo, o Corpo/*Corpus* de Exu é referência, transbordamento, *différance*<sup>1</sup> – diferença que toma outra “coisa” como referência que não é a mesmidade, que não é o mesmo, mas o Todo-Outro.

Despachar Exu na *différance* é “movimento” de diferença que desestabiliza um Corpo/*Corpus* totalizado, uno, original porque o retarda, adia, protela. “O” Exu (a ser) “despachado” aqui é, desde logo e, portanto, obtuso, “fraco” diante das infinitas possibilidades de sua existência. Por outro lado, “forte”, haja vista que, como movimento de *différance*, é ele “impegável”. O que “resta” deste “movimento” é o “movimento” de informação de Exu, um arquivo irrecuperável e não um armazenamento estático e plenamente confiável.

Ambíguo, porque é tanto sagrado quanto profano, opõe-se ao diabo cristão. Exu não é o mal em si. Não é isto apenas, mas também, paradoxalmente, acolhe os meandros do maligno. Sabe-se que Exu foi assimilado ao diabo por seu caráter fálico, sua safadeza, suas brincadeiras que assombram os olhares puritanos e moralistas, por outro lado, seu papel de “o primeiro a ser reverenciado” e “primaz em todas as atividades”, em outras palavras, sua característica peculiar segundo a qual nada ocorre sem Exu, nenhuma magia, nenhum ebó, nenhum feitiço, nenhum movimento tem efeito sem Exu porque é o próprio movimento e magia, tudo isso, certamente lhe reservou a alcunha de diabo.

Em fato, estudar Exu tem a ver com o fascínio e a repulsa com a qual reprimimos o revoltado, o transgressor, o erótico, o diferente, o infernal e adestramos a sexualidade, o corpo, a pulsão. Mas, se me perguntam, “tens a senha” de Exu? Respondo afirmativamente: não! É da práxis de Exu contar um segredo e esconder outro, mentir, brincar, sacanear.

Exu, orixá do movimento, tão moleque e arrenegado a ponto de o confundirem com o diabo pode ser relacionado ao Minotauro de Júlio Cortázar (2001), ao Inconsciente de Freud – em que a parte é tomada pelo todo, a profunda desorganização da estrutura racional, a ausência de contradição ou negação se fazem presentes –, à *différance* de Jacques Derrida. Exu é um “monstro” a se nos assustar cotidianamente. E só há uma forma de “matar” o monstro: aceita-los<sup>2</sup>.

É ele o mais humano dos orixás, o que tem a parcela mais “humana”. Exu é aquele humano

<sup>1</sup> Do verbo *différer*, que combina os dois sentidos: deferir e diferir.

<sup>2</sup> Em Julio Cortázar, diz o Minotauro para Teseu: “O que saber tu sobre a morte, doador da vida profunda. Olha, só há um meio para matar os monstros: aceitá-los.

do qual queremos em nós nos livrar. É um fantasma a se nos assombrar, a experiência da dolorosa alteridade absoluta no deserto do deserto, uma ameaça aporética, nem sim nem não, nem deus nem diabo, um duplo, uma dobra que habita o mais íntimo de nosso ser, fonte de vida e morte, amor e ódio, sanidade e loucura, criação e destruição, ao qual agora despacho, não para “mandá-lo embora”, mas para movimentar sua força, o que ao fim e ao cabo, é a força que mora em mim.

## **2. Disseminações de Exu em/para além de Jorge Amado: Exu-Okótó ou de como um(?) Orixá vai à Igreja Católica**

Defendo que Jorge Amado “é” Exu. Não fora ele um intermediário, transitando entre a Europa e a Cidade de São Salvador, entre seminários e terreiros de candomblé, entre o materialismo e o culto aos orixás, amigo de trovadores populares tanto quanto de Picasso, Neruda e Sartre? E o que é Exu senão este caminho do meio, este entre-lugar? (SANTIAGO, 1978).

Jorge Amado fomentou uma literatura brasileira mestiça, um Exu mestiço, e impôs debates necessários acerca de preconceitos, de uma pseudociência europeizante, da escrita e da oralidade. Enquanto no Brasil se discutia uma literatura oral, Jorge Amado já o fazia em seus textos divertidíssimos, cujas expressões populares mantêm o pitoresco do diálogo, longe do artificialismo, do falso moralismo e das aparências bem cuidadas e excludentes. Jorge Amado foi um transgressor e incomodava. Paradoxal, afirmava “meu materialismo não me limita” (AMADO, 1993, p. 14). Tinha cargo em terreiro de candomblé e se afirmava marxista.

Contrariando o *status quo*, por meio de seus textos e sua postura de vida – certa feita ponderou: “o conceito de ‘arte pela arte’ desumaniza o artista” (NASCIMENTO, 2007, 215) –, abriu espaços de esperança para outro homem, poético, feliz, zombeteiro da seriedade do cotidiano, cujas possibilidades de felicidade irrompem em meio ao trabalho, à molecagem, à vadiagem. Pagou um preço por tudo isso. Foi preso, exilado na Argentina e no Uruguai; seus livros foram queimados em praça pública, com ata oficial, na Bahia e em São Paulo e proibidos de serem vendidos.

Jorge Amado “filho” de Exu entendia do riscado. Seus textos são uma verdadeira “encruzilhada”, nos quais a ambigüidade, a dualidade e a incerteza conduzem ao picaresco, à crítica dos costumes, à ironia e à subversão de valores morais, reforçam a presença do erótico no humano. Trazem à tona uma figura infernal, amálga de Eros e Tântatos, numa orgia de movimentos, pulsão e força que religam termos e sentidos, continuidades e discontinuidades, ordem e desordem, sagrado e profano, fusão e confusão. Quem é esta figura? Exu. Em pessoa apenas? Isto seria pouco. Exu é movimento e somente assim pode ser compreendido.

Para além da figura de Exu em Jorge Amado e da materialidade de Exu, de Exu como personagem, interessa o movimento exuriano presente no texto do autor em que, nada ou ninguém é exatamente o que parece ser. Tudo se move e difere, reverbera e adia, um perfeito complô de incertezas e vacilos. A única certeza, talvez, seja a de que a vida é poderosa e as pessoas, complexas.

Acolho, pois, o texto de Jorge Amado, literatura “radicalmente simbólica (...), um sistema sem fim nem centro” (BARTHES, 2004, p.73) –, parte de uma cultura maior, que perpassa processos de representação e construção do sujeito Exu – esse *Corpo/Corpus* instável, histórico, caótico, provisório, inventado, fortemente atrelado às questões de poder e ideologia.

Longe de se nos apresentar um tecido discursivo homogêneo, a escrita amadiana é ambígua, movediça e contraditória. Repleta de corpos de exus que transbordam e com o leitor brincam, se divertem, riem. Quincas Berro D’água, Antônio Balduino, Vadinho, o negro Massu e Pedro Archanjo, Dona Flor, todos carregados de incontrolável erotismo, imperfeitos, incoerentes e complexos. São “malandros” que trazem em si a incerteza e a contrariedade da vida. Trata-se de sujeitos que são presos, fichados na polícia, perambulam pelas ruas, são chegados à jogatina, à baderna, à sexualidade extrema. São polígamos. Adoram o sexo e a cachaça, a bebida preferida de Exu. São sujeitos cuja energia contida nos sentimentos, aspirações e atitudes humanas podem ser compreendidas como “anti-sociais” e indesejáveis.

Jorge Amado se nos apresentou um Exu das “banalidades” que, “pequeno” potencializou a Vida. E o que é a Vida? É extensão de si, amplificação, liberdade. Vida não é conservação, contenção, repressão (pelo menos não só isso). Conservação é o biopoder agindo sobre a vida, numa sociedade panóptica, vigiada, reprimida. Vida é movimento espiralado ao infinito: Exu, Òkòtó<sup>3</sup>.

Vejamos, Quincas Berro D’Água apanhara da mãe quando pequeno porque queria seguir o circo. Há padres que freqüentam o candomblé e a pagodeira, que arrancam a batina e renegam a fé atrás das ancas de Dorotéia. Os fiéis que rezam no domingo na Igreja, solicitando a benção de Nosso Senhor do Bonfim, são os mesmos que colocam roupa branca para Oxalá às sextas e beijam a mão das mães-de-santo. A ialorixá, Majé Bassã é conhecida como a temida e doce Mãe. Quincas Berro d’água, tem duas mortes: “A morte e a morte” – ou sucessivas?; mesmo morto ri debochadamente, cínico, imoral, riso de quem, mesmo morto, se divertia. Antônio Balduino amava o pai-de-santo Jubiabá, mas, paradoxalmente, queria matá-lo. Dona Flor tem dois maridos: Vadinho

---

<sup>3</sup> Segundo Juana Elbein dos Santos (1986, p. 133), o Òkòtó é uma espécie de caracol e aparece nos motivos das esculturas e como emblema entre os que fazem parte do culto de Exu. O Òkòtó simboliza um processo de crescimento.

e o doutor Teodoro. Alegre ao ver Vadinho equilibrado nas grades do leito, é tomada de raiva. Vadinho volta do além para vadiar: nem estava morto, nem vivo. Levenson, filósofo, matemático, sociólogo, antropólogo, etnólogo, professor da *Columbia University*, Prêmio Nobel de Ciência, e demais títulos, quase abandona seus compromissos no Japão e China por conta de Ana Mercedes, mulata perfumada de alecrim, riso de cristal e esperto rebolado em sua infinita capacidade de mentir. Iansã é santa Bárbara, a do Trovão. Duas no corpo de uma. Transita, sob a forma que quer e bem entende, entre espaços diversos, do terreiro aos altares. Ali está, mas some, desaparece, aparece e já não está mais. Balduino defende o candomblé, com a mesma força, que reclamava ao povo que deixasse de crendices e lutasse na greve.

Os Exus “inventados” pelo escritor baiano Jorge Amado são expressão de “sua” verdade, conjunto de metáforas e metonímias que ora “trans-borda”, o que implica “na impossibilidade para um signo, para a unidade de um significante e de um significado, de produzir-se na plenitude de um presente e de uma presença absoluta” (Derrida, 2006, p.67).

Em “Intervalo para o batizado de Felício, filho de Massu e Benedita ou o compadre de Ogum”, um dos episódios de “Os pastores da noite” (AMADO, 1964), numa narrativa hilária, ágil e com final surpreendente, em torno do problema do batizado do filho de Massu – “menino bonito e esperto, tão buliçoso e arrenegado, era um capeta, até parecia de Exu” –, tem-se a ambigüidade, o erotismo, a ironia, a mestiçagem e o movimento de Exu, presente a todo o tempo. As informações estão ali, mas tudo carece de provas. Como saber se Benedita, mãe do filho de Massu estava morta? Porque ver ninguém vira, ninguém acompanhara o enterro. Que o menino, filho de Massu é filho de Exu não há dúvida. Não é a sua chegada que instaura a confusão do batizado?

Repare-se, no título vacilante e incerto: “intervalo para o batizado” ou “o compadre de ogum”. Por que um título com uma conjunção de alternância? Trata-se de dois títulos? De dois ou de um só? De dois mais um, portanto, três? E três não é o número de Exu, o qual aparece constantemente na narrativa? Três noites deixaram Ernestina remoendo em torno de um juramento; Ernestina, Tibéria e Massu, os três, foram ao hospital atrás de Benedita; três foram as indigentes falecidas naquele dia; o menino filho de Massu, pode ser tanto seu filho, quanto de Otoniel ou de um gringo que rondava as docas e se deitou com Benedita; Ojuará teve três filhas; Tibéria, Massu e Artur da Guima, os três dormiram no quarto de santo por conta do bori realizado antes do batizado; Ogum aparece para Massu com três metros de altura; Mãe Doninha cortou obis e orobôs para o ebó, um obi e dois orobôs; três foram os pombos ofertados a Exu; no batizado é Exu quem dá três saltos e grita anunciando: - Sou Exu, quem vai ser o padrinho sou eu. Sou Exu!; são três os filhos de

Ogum que aparecem na narrativa, o Padre Gomes, o negro Massu e Artur da Guima.

A negra Vevéva, iniciada no candomblé, quer batizar o neto na igreja: “Onde já se viu, perguntava Vevéva, menino de onze meses feitos e ainda pagão?” (AMADO, 1964, p.148). Vevéva cultuava os orixás no Terreiro de Jesus, ao mesmo tempo temia que seu neto, caso morresse sem sacramento, fosse condenado a não usufruir das belezas do paraíso. E como decidir quem seria o padrinho, se Massu tinha tantos amigos? Os candidatos eram vários, desde os amigos do cais, dos saveiros, dos mercados, das feiras, das casas de santo. Massu, filho de Ogum, seu ogã, não encontrava solução, mesmo com tantos debates regados a muita cachaça. Que impasse, que aporia. O padrinho do batizado (católico) será Ogum, decisão do próprio orixá que irá à Igreja Católica para batizar a criança. Quem questionará o orixá? Mas nem por isso tudo ficara resolvido. Ao contrário, se o primeiro impasse havia sido solucionado, criara outro problema, como levar o orixá à Igreja? No corpo de quem Ogum iria testemunhar o ato? Para que tudo corresse bem, Exu devia ser reverenciado em primeiríssimo lugar. Solicitou uma galinha d’angola. Eis que esta, misteriosamente, sumiu no dia do sacrifício. Em seu lugar, três pombos foram utilizados. Ficaria Exu satisfeito? O sacristão responsável pela cerimônia, é o Inocêncio do Espírito Santo, “mulato maneiroso, nas horas vagas corretor de jogo do bicho. Usava óculos escuros e carregava sempre consigo um velho breviário (...), entre suas páginas escondia as listas de apostas” (AMADO, 1964, p.150). Esse bicheiro-sacristão adquiriu uma dívida com o negro Massu e Curió. Envolvido com uma “dessas sirigaitas metidas a puritanas e até a beatas” (AMADO, 1964, p. 151) acabou pegando doença do mundo. Como fazer para curá-la? Não poderia ir à farmácia, ao médico, às vias de fato sob pena de falatório. Curió e Massu o livraram da enrascada. Curió lhe trouxe o remédio e ainda fez um abatimento no preço do vidro do “levanta cacete”. O menino a ser batizado é louro, de cabelos escorridos e olhos azulados. Foi dado como filho de Massu, um negro e de Benedita, também negra. Mas como saber se realmente era seu filho? Segundo consta, Benedita se envolveu à mesma época com um gringo, cujos olhos azuis se faziam presentes no cais. Bem, o menino pelo menos não tinha os olhos azuis: eram azulados. Irônico e sarcástico, Exu se desdobra. O negro Massu deixou marcas de amor no corpo de Benedita: “marcou-lhe todo o corpo, com os punhos e os dentes, deixando-a roxa como se houvesse sido surrada” (AMADO, 1964, p. 148). Massu é apresentado como altamente erótico e libidinoso, tal qual Benedita, prostituta, mãe do filho de Massu. Quem é mesmo o pai da criança? Não importa. O negro Massu via em seu filho, o avô materno que era branco de olho azul. O padre Gomes, responsável por celebrar o batizado, era neto de Ojuará, negro escravo, que tomara parte num quilombo e teve três filhas com uma mulata clara e



forra. Josefa era a mãe de Gomes, isto está bem certo. Contudo, quando teve seu filho, um velho português, padrinho do casamento de Josefa, ficou como doido, enternecido pelo mulatinho, tanto que as más línguas chegaram a dizer que: “se o velho não fosse o pai, teria sem dúvida, no entanto, colaborado na feitura e no acabamento do menino”. Com o tempo, Padre Gomes entrou para o seminário e esqueceu o nome de seu avô Ojuará, para ele, seu avô era o velho português, seu padrinho de batismo. Todavia, algo ficara adormecido na memória de Padre Gomes. Quando do batismo, ao ver a Igreja tomada por baianas de saia rodada, um verdadeiro terreiro dentro da Igreja Católica, sentiu pesar-lhe no peito a suspeita de algo indefinido e impreciso. O nome do padrinho, Antônio de Ogum, ressoava na memória de Padre Gomes. Ogum... Ogum... Isto lhe lembrava algo, mas o quê? Eis que o Padre Gomes era filho de Ogum, seu protegido. É ele que por meio de possessão, receberá Ogum e desfará as estripulias de Exu.

Expliquemos, como Exu não recebera a oferenda determinada, passou-se por Ogum durante todo o processo do batizado, beliscou a bunda das feitas, riu, dançou, brincou, queria mesmo era vadiar. Levado para o bonde que os conduziria à Igreja, dançava com jeito de bêbado em cima do banco, o motorneiro perdeu o controle do veículo e nem estava preocupado com isso. Naquele dia toda sorte de desordem ocorrera: o bonde ia lento mas também corria, o condutor tocava a campainha sem quê nem pra porquê, as pessoas não pagavam o bonde porque naquele dia, incrivelmente, tudo era de graça, por conta da Companhia, dizia o condutor, rindo e brincando com os passageiros. Naquela “desordem”, ficara decretada a alegria geral e a cordialidade. Na Igreja, Exu passando-se por Ogum prossegue com suas brincadeiras até que Padre Gomes estremeceu dentro de sua batina, saltou de seus sapatos, semicerrou os olhos. Ogum, no corpo do Padre Gomes, aplicou duas bofetadas em Exu que, compreendendo ter chegado seu irmão, estava finda a brincadeira.

### **3. Finda a brincadeira: arriscar-se a nada querer dizer**

Depois adormeceu e dormindo parecia um menino igual aos outros, quem o visse assim nem desconfiaria ser aquele o Exu dos caminhos, orixá do movimento, tão moleque e arrenegado a ponto de o confundirem com o diabo.

*Jorge Amado*

Em cada “texto” a Exu endereçado, em cada reclamo – “eu sou Exu” –, ali está seu corpo negro, seu falo, a encruzilhada, a farofa, o dendê e seu despacho, o cabelo de carapinha, o



defumador, o menino que brinca e ri, o “inimigo invisível” dos Orixás (DOPAMU, 1990), o “preferido” dos Orixás, o corpo que espelha o corpo perseguido.

Um Exu dos terreiros aparece em Jorge Amado, espalhado, esparramado. Ora, se Massu é o compadre de Ogum, por espelhamento é ele filho de Exu. Mas, não é isto que o texto diz. Diz a narrativa ser Massu filho de Ogum, irmão, companheiro, parceiro de Exu. Noves fora, Massu tem sua parcela de Exu. É disso que se trata, de um Exu que está nas feiras, nos bares, na cidade de São Salvador e no Mercado de Madureira no Rio de Janeiro, na Travessa Almeida Freitas em Madureira, com a boate Papa G, o Bar de Seu Zé Pelintra e a Gafieira de Dona Maria Molambo, absolutamente tomados às quartas-feiras por risos, dança e muita cachaça.

### Referências

- A BOCA DO MUNDO*. Eliane Coster. Oka Comunicações, 2009.
- AMADO, Jorge. *O compadre de Ogum*. Rio de Janeiro: Record, 1964.
- AMADO, Jorge. *Bahia de todos os santos: Guia de Ruas e Mistérios*. Rio de Janeiro: Record, 1981.
- AMADO, Jorge. *Dona Flor e seus dois maridos*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- AMADO, Jorge. *O sumiço da santa*. Rio de Janeiro: Record, 1988.
- AMADO, Jorge. *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua*. Rio de Janeiro, Record, 1987
- BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- BASTIDE, Roger. *O candomblé da Bahia: rito nagô*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- CORTÁZAR, Julio. *Os reis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- Dança das Cabaças: Exu no Brasil*. Kiko Dinucci. Cine Baquira filmes, 2003.
- DERRIDA, Jacques. Carta a um amigo japonês. In: OTTONI, Paulo. (Org.) *A prática da diferença*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998.
- DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- DERRIDA, Jacques. *Posições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- DOPAMU, Ade. *Exu: o inimigo invisível do homem*. São Paulo: Oduduwa, 1990.
- ECO, Umberto. *O pêndulo de Foucault*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2009.
- EXU: Além do bem e do mal*. Werner Salles Bagetti. Filmes Imperfeitos, 2012.
- FORD, Clyde W. *O herói com rosto africano: mitos da África*. São Paulo: Summus, 1999.

- FOUCAULT, Michel. *A ordem do Discurso*. Tradução: Edmundo Cordeiro. Paris: Editions Gallimard, 1976.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. São Paulo: Vozes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- MACEDO, Edir. *Orixás, caboclos e guias: Anjos ou demônios*. Rio de Janeiro: Universal, 1992.
- MADAME SATÃ*. Karim Ainouz. Videofilmes Produções Artísticas LTDA, 2002.
- MAFFESOLI, Michel. *O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- MORIN, Edgar. *Rumo ao abismo?: ensaio sobre o destino da humanidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- NETO, Mario Cravo. *Laróyè*. Salvador: Áries, 2000.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Crepúsculo dos ídolos, ou, como se filosofa com martelo*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.
- PASSOS, Mara Martins. *Exu pede passagem: uma análise da divindade africana à luz da Psicologia de Carl Jung*. São Paulo: Terceira Margem, 2003.
- RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. *Alma africana no Brasil: os iorubás*. São Paulo: Oduduwa, 1996.
- SANTIAGO, Silviano. O Entre-lugar do Discurso Latino-Americano. In: *Uma Literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- SANTIAGO, Silviano. Desconstrução e descentramento. In: *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1973.
- SANTOS, Juana. Elbein. *Os Nagô e a morte: Pàdê, Àsèsè e o culto Égun na Bahia*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- TRINDADE, Liana. *Exu: o Homem e o Mito: estudo de antropologia psicológica sobre o mito de Exu*. São Paulo: Terceira Margem, 2006.